

São Paulo, UCLAF - 24 de JANEIRO de 2023

No caminho SINODAL, tendo em vista o Capítulo das Esteiras de 2025.
(Desafios para a UCLAF)

Caros irmãos Ministros e Custódios,

estes dias que vivemos juntos, Definitório geral e os irmãos ministros e custódios da América Latina, já revelam um sabor sinodal na busca comum, na hospitalidade recíproca, na tensão compartilhada para aprender a ouvir “o que o Espírito diz à Igreja” e à nossa fraternidade peregrina no mundo e neste continente já há 500 anos.

Não somos estranhos e nem estamos à margem do caminho sinodal de toda a Igreja, porque nela cada carisma e cada ministério, na medida em que é dado para o bem de toda a Igreja, tem sua própria e peculiar “característica sinodal”, que tem de ser conservada e expressa, também quando se age de modo pessoal e individual. Todo batizado permanece em comunhão com os outros e para os outros, e é esta tensão sinodal que molda cada carisma e ministério na Igreja.

É o que nos lembra o documento *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, emitido pela Comissão Teológica Internacional em 2018, quando apresenta uma comunhão que sublinha

a comum dignidade e missão de todos os batizados no exercício da multiforme e ordenada riqueza dos seus carismas, das suas vocações, dos seus ministérios. O conceito de comunhão exprime, nesse contexto, a substância profunda do mistério e da missão da Igreja, [...]. A sinodalidade, nesse contexto eclesiológico, indica o específico *modus vivendi et operandi* da Igreja Povo de Deus que manifesta e realiza concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros em sua missão evangelizadora¹ (n. 6).

A vida consagrada é, por sua vez, o tema sinodal *da e na* Igreja. Enquanto elemento essencial, a vida fraterna identifica o discipulado e o seguimento de Jesus. E revive o testemunho na missão².

1. Ouvindo a Escritura: juntos no caminho³

Sabemos bem que a palavra *sínodo* conjuga a preposição grega *syn* (“com, juntamente com”) com o substantivo *odos* (“via, caminho”), restituindo o significado de juntos no caminho. No Novo Testamento, a palavra “sínodo” não se encontra, ao passo que o conceito de “ser - estar - juntos” recorre com força. Nos Atos dos Apóstolos, os discípulos de Jesus se definem simplesmente como “aqueles que pertencem a este caminho” (At 9,2; também: 18, 25-26; 19, 9; 23; 24, 14). Desde o começo desse livro ecoa que “estavam todos reunidos no mesmo lugar” (2,1) quando recebem o Espírito.

Esta dimensão se torna mais clara quando Lucas descreve assim a vida entre os que creem:

E todos que tinham fé vivam unidos, tendo todos os bens em comum. Vendiam as propriedades e os bens e dividiam o dinheiro com todos, segundo a necessidade de cada um. Todos os dias se reuniam, unânimes, no Tempo. Partiam o pão nas casas e comiam com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. Cada dia o Senhor lhes ajuntava outros a caminho da salvação (At 2,44-47).

A oração, as refeições comunitárias e a partilha dos bens econômicos são as características desta vida juntos. Os Atos dos Apóstolos e as Cartas de São Paulo nos dão muitos destes exemplos de vida todos juntos. O Apóstolo nos faz ver como a sinodalidade toma forma na heterogeneidade das

¹ https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_pt.html

² Cfr. Salvatore Fari, *Vita consacrata e sinodalità*, Palumbi 2021, 34.

³ Cfr. Barbara E. Reid, *Il pensare e l'agire sinodale e collegiale nel Nuovo Testamento*, in *CONCILIUM* 2/2021, 77-88.

Igrejas locais. Nenhuma comunidade, com efeito, é autossuficiente, mas todas, na rede de suas relações, participam da missão confiada pelo Senhor Ressuscitado aos seus discípulos.

Os Atos dos Apóstolos apresentam também as tensões da sinodalidade e colegialidade. Pensemos nas disputas entre hebreus e helenistas, onde os apóstolos de modo unilateral, diríamos hierárquico, impõem a solução, para não bloquear a comunidade nesse conflito. No começo, os Doze convocam toda a comunidade dos discípulos (v. 2). Mas é evidente que logo se firma a solução imposta pelos Doze (v. 5): não há a escuta de outras perspectivas, qualquer discernimento: os apóstolos ditam o acordo, podemos dizer que a sinodalidade não é uma ideologia, mas deve ser cada vez mais assumida como um estilo, tendo em conta também as inevitáveis tensões e dificuldades.

Detenho-me somente nessas referências por motivo de tempo, mas seria interessante aprofundar outros elementos sobre a sinodalidade no Novo Testamento.

Hoje, uma mentalidade cultural mais aberta, capaz de dar atenção à relação, à interconexão de todo o criado, com uma abordagem holística, ajuda-nos a não pensar de modo mecanicista e materialista, em que a parte, isto é, o indivíduo e a sua afirmação, nos permitiria compreender o todo. Somos convidados, enquanto animadores, a incentivar as oportunidades, a generosidade e os carismas de todo o grupo, a valorizar a diversidade e contar com a experiência, em vez de focar na resolução de problemas, no medo e na punição de acordo com um modelo de controle e de comando. Nesse sentido, é importante encorajar as relações de empatia, de verdadeira fraternidade, como dizemos. A esse respeito há de se dizer também sobre como exercemos o serviço da autoridade, especialmente com os irmãos que colocam mais provocação e exigência, com suas opções e reações. Sobre isso podemos conversar.

Na nossa tradição e prática conhecemos estes espaços de encontro, de reflexão e discussão comum, e de decisão compartilhada: penso nos capítulos, nas assembleias e também neste espaço da UCLAF. Devemos, porém, também reconhecer que a autoridade na Igreja permanece pessoal e, muitas vezes, nós, ministros, somos levados a essa mentalidade e a esse uso da autoridade. Mas, há casos em que temos de agir assim. Como manter esses elementos unidos em uma tensão construtiva? Como podemos realmente dar voz no capítulo a todos os irmãos, além do que já fazemos? Como realizar isso onde há conflitos, divisões, e até mesmo partidos entre nós, ou pelo menos visões diferentes da vida cristã e franciscana? Como manter as diversidades juntas em uma unidade que não é o resultado de nossos acordos, mas o dom e o fruto da operação contínua do Espírito do Senhor justamente na nossa realidade? E ainda me pergunto com vocês: como envolver também os leigos, os consagrados e consagradas que caminham conosco?

São Francisco nos indica um caminho: é aquele da humildade de Deus, que ele reconhece. No fazer-se pequeno e pobre do Senhor Jesus no Natal de Greccio e na Eucaristia, Francisco reconhece que o movimento fundamental da vida de Jesus é este esvaziar-se, este tornar-se pequeno, este depor toda pretensão de poder para moldar sua existência no dom total de si. E é aqui que, por sua morte salvadora, temos a vida plena, que não é apenas algo individual, mas nos constitui como a comunidade dos viventes, porque amados e redimidos, para anunciar a todos a alegria dessa boa-nova e convidá-los a entrar na festa do amor de Deus.

2. Renovar a nossa visão: a que características do carisma devemos nos abrir hoje?

O caminho sinodal é para nós oportunidade de nunca se cansar de aperfeiçoar o carisma, em todas as suas dimensões. O carisma não é um depósito abstrato e intocável, e nem sequer a soma de fatos e de obras. Não é possível fixá-lo definitivamente nos textos e nas constituições. É um dinamismo mais profundo, que atinge a todos os envolvidos, e é tal que não pode ser domesticado. O carisma é fruto do Espírito e, por isso, não pode ser fixado e armazenado em um ninho, mas vive graças a uma transformação e conversão contínua, que nos enraíza sempre mais no essencial que é Cristo.

A questão fundamental hoje, para nós, é se percebemos o carisma como o horizonte e referência da nossa vida em missão e se esse é realmente e existencialmente compartilhado. Isso significa perguntar-nos se sentimos que o centro da nossa vida hoje, entre crises e esperanças, é aquele teologal-carismático: a vida segundo o Evangelho como irmãos e menores, contemplativos em missão.

Para nós é vital perguntar-nos se estamos prontos para escutar a realidade, o carisma, a Palavra de Deus, a vida dos irmãos, a fim de discernir a quais características do carisma nos abrimos hoje. Assim como toda instituição, nós também tendemos a nos autoconservar, e as nossas estruturas, de todo tipo, frequentemente nos levam, de modo aparentemente inevitável, a esse movimento.

A manutenção do existente aparece demasiadas vezes como o que mais consome as nossas energias e corta as asas do futuro. Precisamos de uma fraternidade que seja laboratório de futuro neste tempo, em que não podemos mais ter atrasos no reafirmar o carisma com a vida, sabendo que dele ainda não foi expresso tudo e que a mesma profundidade do carisma de Francisco e, portanto, do carisma da Ordem ainda está à espera de ser expressa em algumas de suas potencialidades, em contato com as pessoas de hoje, com a nossa realidade.

Se pensarmos no carisma como uma realidade a ser repetida, então julgaremos, por exemplo, os jovens como incapazes de abraçar a nossa vida, por tantas razões que sabemos. Ou somos chamados a abrir-nos a novas características e expressões do carisma que talvez possam entrar em contato com a realidade e a busca dos jovens e dos jovens adultos de hoje? Podemos nos fazer muitas destas perguntas, e é importante que abramos o horizonte para não nos fecharmos no repetir sempre as mesmas categorias de pensamento e, portanto, de ação.

3. Caminhar segundo um estilo: qual é o modo profético da fraternidade na minoridade?

O caminho sinodal quer nos ajudar a crescer na comunhão, graças à qual todos aprendemos a participar no projeto comum de vocação em missão, sobretudo repensando, com modelos mais ágeis, em nossas estruturas de organização, de governo e de animação. Essas devem, com efeito, ser reconhecidas em relação à qualidade evangélica da vida e à missão, ao invés da autoconservação de um modelo institucional que não se coloca em questão. Basta pensarmos na estrutura atual das nossas Províncias e Custódias, organizadas durante séculos como sujeitos autônomos e em sua maioria autossuficientes; pensarmos nas estruturas de comunhão e de colaboração no interior da Ordem, como as Conferências e as formas de interconexão, que devem ser repensadas a partir da Cúria Geral, para que estejam a serviço de modelos dinâmicos, capazes de favorecer a interdependência das nossas realidades locais, oferecendo, assim, um rosto de comunhão missionário a toda a Fraternidade Internacional. Não se trata de criar outras estruturas de poder mais centralizadas, mas de articular na Ordem, em novos modos, unidade e diferenças, enraizamento no local e abertura para o universal. Pensamos, de modo particular, na realidade de não poucas Províncias históricas que estão morrendo ou que já chegaram a um ponto sem volta por causa dos números e da idade média. Como podemos, enquanto Fraternidade Internacional, não somente “tapar os buracos”, mas repensar os modelos com os quais nos organizamos, e repensar a rede de presenças, de modo que se viva mais autenticamente o estilo evangélico. (?)

Também as Entidades da América Latina não podem pensar em permanecer autossuficientes, uma vez que, na realidade, elas não são mais. É certo que existem exceções, mas é necessário mudar os modelos de pensamento, não somente quando não damos mais conta, pois se trata de pensar positivamente em novos modelos antecipando o futuro de forma estratégica.

Aliás, por que vocês, todos os Ministros da América Latina, estão se encontrando? Acredito que o objetivo mais importante seja justamente aquele de saber olhar para o futuro com olhos novos, antecipando o que acontecerá e reconhecendo o que já somos chamados a repensar.

Este espírito não é fácil de cultivar e aprofundar. Aliás, aquilo que é positivo e os pontos críticos que encontramos entre nós não dizem, quem sabe, que o carisma é o coração da nossa vida em missão, para ser vivida como irmãos? Isso é dito na vontade de fazê-lo e nas dificuldades de realizá-lo.

Em primeiro lugar, penso no bem que continua a crescer entre nós, sobretudo graças aos irmãos que não desanimam e cultivam o “sonho” franciscano, que buscam o Senhor, cuidam dos irmãos, permanecem junto dos pobres, alimentando a paixão pelo testemunho do Evangelho.

Não posso me calar sobre diferentes críticas que atravessam nossas vidas. Eu começo a partir de uma certa inanição da nossa vida fraterna, reduzida muitas vezes ao mínimo sindical em suas expressões ordinárias e cotidianas; dirijo-me ainda à vida segundo o Espírito, que define como motivação e dedicação, deixando frequentemente a fé morrer, não dando mais forma à vida; não posso me calar sobre a criticidade na gestão das obras, com muita frequência vinculadas a pessoas físicas; penso ainda no estilo muito centrado sobre o indivíduo na pastoral, na relação com os meios de comunicação social, e na própria vida fraterna.

Penso na realidade dos abusos que nos ferem e nos obrigam a parar e repensar profundamente o nosso modelo de vida; em como nos formamos continuamente em vista de uma afetividade e castidade libertadora e capaz de integrar nossas vivências; penso no discernimento e no acompanhamento vocacional na formação, a partir, antes de tudo, dos formadores.

Sentimo-nos, muitas vezes, impotentes diante dessas situações, por causa das dinâmicas de poder e da tensão entre o indivíduo e a comunidade. Precisamos de mentalidades e modelos novos para enfrentar essas questões.

Deixo essas questões em aberto a fim de podermos continuar debatendo-as juntos.

4. Abraçar o futuro. Testemunho-missão: a quem e como servimos?

As nossas Constituições delineiam uma fraternidade chamada à conversão missionária, para testemunhar e fazer presente a beleza do amor de Cristo entre as criaturas, através da reconciliação, da justiça e da paz. Esta conversão missionária, aliás, é proposta pelo Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, na *Evangelii gaudium* no número 30.

Essa é a perspectiva da qual olhar a capacidade de escuta e também de repensamento de cada estrutura da Igreja e da Ordem, chamadas a tornarem-se lugares de evangelização e testemunho e não se tornarem um meio de autopreservação.

Na medida em que cuidamos da nossa fraternidade, que necessita disso hoje, como bem o sabemos, não nos esqueçamos de ser uma fraternidade missionária, chamada a ir além de si, como cada um de nós é chamado a ir além de si mesmo para se encontrar verdadeiramente.

Vocês vivem inseridos nas igrejas da América Latina que têm uma vasta experiência no exercício da sinodalidade, sobretudo a partir do crescimento da renovação conciliar. Vocês experimentaram de diferentes modos, em vários países, o crescimento da Igreja nas comunidades eclesiais de base, bem como o incremento da projeção participativa que leva a tomar decisões através de organismos de participação como os conselhos e as assembleias pastorais. Vocês têm a experiência de uma igreja de “comunhão e participação”, realidade que continua, apesar do crescimento de diferentes correntes, não excluídos certos tradicionalismos de vários tipos também entre os católicos.

Hoje essa herança deve ser renovada, especialmente para as jovens gerações que não têm memória do evento conciliar e correm o risco de sentir nostalgia de um modelo de igreja que nunca conheceram. Penso também no confronto com as comunidades evangélicas e pentecostais de

vários tipos, que agora constituem uma grande realidade e que nos interpela de várias maneiras (em muitos pontos de vista).

Como podemos aprender a *des*-aprender nossos sólidos conhecimentos sobre o centro, cultural, político e religioso, que habitualmente identificamos com o Ocidente nas suas mais diversas articulações? Como aprender a partir da periferia, colocada no centro? De onde partir para esta conversão?

Temos a ajuda do Sínodo da Amazônia⁴, que alcançou uma ressonância internacional para toda a Igreja por causa de alguns de seus aspectos e também pelo surgimento de uma consciência planetária, que está nos ensinando a colocar em uma relação diferente aquilo que é geral com aquilo que é local; a acolher melhor a interrelação das igrejas locais, junto a tantos outros fenômenos desta nossa época, como a crise ecológica, a interdependência dos mercados, da tecnologia, especialmente a robótica e a informática, bem como a estratégia militar, a política e a espiritualidade.

A convocação do sínodo da Amazônia pelo Papa Francisco colocou na agenda da Igreja universal um tema que somente na aparência seria local: a questão ecológica, com efeito, diz respeito a todos, inclusive a todo modo de pensar e enfrentar a realidade atual. Aliás, na revelação bíblica, do *Gênesis* até o Apocalipse, descobrimos a vocação do ser humano, como criatura co-criadora, para ser o guardião da criação, para cuidar da casa comum. No magistério dos últimos pontífices, a ecologia assumiu um lugar importante na doutrina social da Igreja. O conceito de “ecologia integral” une o grito da terra ao grito dos pobres. E, por isso, atinge o coração do nosso testemunho do Evangelho e, portanto, da dignidade integral da pessoa humana.

Consequentemente, assumir o Projeto Amazônia como UCLAF, com um compromisso real por parte das Entidades para continuar e fortalecer a presença franciscana na Amazônia brasileira, é algo que vai além de uma nova missão a ser assumida. Se disso somos plenamente conscientes, trata-se de empreender uma missão compartilhada a partir de uma escolha estratégica, que hoje se configura na Amazônia. Assumir uma região local, sem limites que seja, com todas as suas particularidades, significa reconhecer que ali há uma palavra para todos. Podemos dizer que a Amazônia transcende a Amazônia, por dois motivos: porque se apresenta como um novo tema para a questão ecológica e porque se converte em um novo paradigma, onde podemos aceitar aprender dos pequenos, como os povos nativos, e com eles viver uma relação harmoniosa das criaturas entre si e com o Criador. De fato, com o sínodo da Amazônia, a periferia chegou ao centro da Igreja e, agora, este passo é pedido a nós Frades Menores. Saberemos não somente levar adiante o que temos, enquanto conseguimos e acrescentar algo a mais, como a Amazônia ou, pelo contrário, repensar a nossa missão a partir de alguns pontos nevrálgicos, um dos quais é justamente a Amazônia? E saberemos realizar isso atentos em promover fraternidades que sejam centradas na escuta da palavra de Deus, em uma verdadeira sobriedade de vida, na partilha com os mais pobres, no testemunho desde a simples presença até o anúncio explícito do Evangelho? E saberemos expressar um novo impulso de testemunho e de evangelização que vá além das paróquias, das escolas, dos santuários e das obras sociais organizadas? Também para dar vida nova a essas realidades, que continuam sendo uma excessiva expressão de uma pastoral de conservação, que não pode durar por muito tempo. Eis aqui as outras perguntas que deixo em aberto para o nosso compartilhamento e processamento comum.

⁴ Cfr. Agenor Brighetti, *Il Sinodo per l'Amazzonia*, in CONCILIUM 2/2021, 65ss.

Conclusão

A conclusão se mantém aberta, uma vez que continuamos nosso intercâmbio e reflexão para crescer juntos. Peço aos definidores gerais que ofereçam também algum elemento para um olhar internacional acerca dos desafios que se referem à América Latina hoje. E todos nos sentimos envolvidos em um caminho comum, como a mentalidade sinodal, desde os Atos dos Apóstolos, nos fez ver. Esperemos que a palavra *sínodo* não se torne um slogan que acabe não significando mais nada. Vamos dar-lhe nós mesmos conteúdo e força, deixando ações e nova elaboração, para nos voltarmos a gestos mais verdadeiros e incisivos. Bom caminho, irmãos! Continuemos nossa busca comum!

Fr. Massimo Fusarelli, OFM
Ministro Geral